

Análise semiótica do bloco da previsão do tempo do novo Jornal Nacional ¹

Thais BARBOSA²
Adriana Tulio BAGGIO³

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar, à luz da teoria semiótica, os efeitos de sentido produzidos pela alteração no modo de apresentar o bloco da previsão do tempo do Jornal Nacional, que passou contar com uma nova apresentadora e diferentes recursos visuais e de linguagem verbal a partir de abril de 2015. Acredita-se que estas mudanças refletem uma intenção do telejornal de se aproximar de outras linguagens de grande influência no telespectador, como a do entretenimento. A pesquisa aqui apresentada faz parte de trabalho de conclusão de curso ainda em desenvolvimento e, portanto, as conclusões apresentadas são preliminares.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; jornalismo; telejornalismo; Jornal Nacional; previsão do tempo.

Introdução

Em 27 de abril 2015, o Jornal Nacional inaugurou um novo formato de telejornal, marcado por novas linguagens, novos enquadramentos e maior movimentação dos apresentadores e câmeras dentro do estúdio do programa. Neste contexto, destaca-se a mudança na maneira de apresentar o bloco da previsão do tempo. Gênero instituído há décadas no telejornal, a previsão do tempo teve mudanças de forma e conteúdo com a implementação de novos recursos visuais que possibilitaram a apresentação do bloco “ao vivo” e com nova postura de linguagem adotada para dar as notícias do tempo, especialmente por conta da postura de apresentação da jornalista Maria Júlia Coutinho. .

Para entender o significado de alteração, faz-se necessária a comparação entre dois blocos de previsão do tempo - um antes e outro após a mudança. Para efeito de análise,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) email: thaixbarbosa@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR) , email: atbaggio@gmail.com

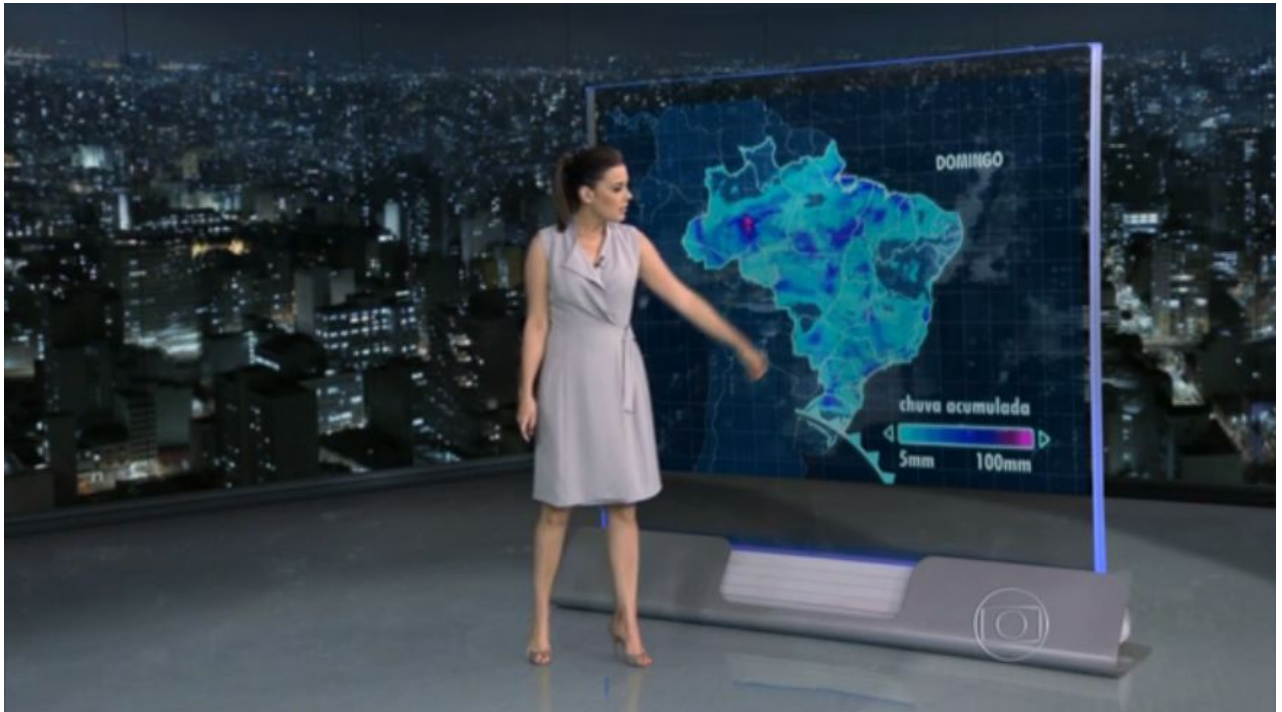
selecionou-se aleatoriamente duas edições do Jornal Nacional: uma exibida no dia 2 de abril de 2015, data antes da mudança de formato do telejornal que se deu no dia 27 de abril de 2015, e outra de 17 de julho de 2015, período em que a mudança já estava estabelecida.

Esta análise é parte do trabalho de conclusão de curso que estamos desenvolvendo no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O problema que norteia a pesquisa é entender quais são os efeitos de sentido produzidos pela mudança no formato do Jornal Nacional. Temos, por objetivo, identificar esses efeitos, tendo em vista analisar se há perda de formalidade nessa nova maneira de apresentação do JN e se tal perda compromete a transmissão da notícia. Especificamente neste artigo o que apresentamos é uma primeira reflexão sobre um dos pontos mais marcantes dessa mudança: o bloco da previsão do tempo.

O antigo e o novo Jornal Nacional

Com base na comparação pela metodologia semiótica, “ciência que se dedica a estudar a produção de sentido” (IASBECK, p. 93) busca-se o percurso generativo do sentido e o significado dessa mudança (PIETROFORTE, 2004). Na edição de abril, percebe-se que o bloco é gravado e passa por uma edição à posteriori do material, o que fica evidente na inserção dos “mapas 3D” - marca de uma pós-produção. Também fica evidente que a “previsão do tempo” se constituía como um bloco isolado, pois é introduzido por uma vinheta e é feito em um cenário distinto do principal do Jornal Nacional, o que constitui marca de descontinuidade. Nas figuras que compõem o cenário, identificam-se o tema do urbano, pela presença de uma janela que deixa transparecer uma cidade vista do alto e o tema da tecnologia, que aparece na escolha da trilha sonora e nas imagens em 3D (figura 1).

Figura 1: frame de cena do quadro previsão do tempo do Jornal Nacional, edição de 2/4/2015.



Fonte: impressão de tela obtida pela autora a partir de edição do Jornal nacional disponível na página do Jornal Nacional no site da Rede Globo. Disponível em:

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/04/02.htm>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Em julho, no novo Jornal Nacional, o bloco é interligado com o restante do telejornal. Ele é inserido no programa como continuação de uma reportagem anterior. Além disso, a ideia de continuidade também aparece na caminhada que o apresentador William Bonner faz para chegar até o local em que a previsão do tempo está projetada, marca de continuidade.

Cabe, aqui, uma descrição mais detalhada sobre essa projeção. Uma das mudanças mais evidentes no formato no Jornal Nacional foi a adição de uma tela ampliada em que é possível que o apresentador interaja com repórteres em outra localidade do Brasil (ou do mundo). Através do recurso de enquadramento, as câmeras do estúdio e as dos repórteres são posicionadas de modo a dar impressão ao enunciatário que os dois personagens, mesmo que distantes, ocupam o mesmo espaço. Dessa forma, cria-se a sensação de simultaneidade (figura 2).

Figura 2: frame de cena do quadro previsão do tempo do Jornal Nacional, edição de 17/7/2015.



Fonte: impressão de tela obtida pela autora a partir de edição do Jornal nacional disponível na página do Jornal Nacional no site da Rede Globo. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/07/17.html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Linguagem

No texto verbal falado, a diferenciação se dá na própria estrutura da notícia. No caso da previsão do tempo anterior, o texto verbal usa uma linguagem que evita “jargões” e usa objetividade na enunciação. Dessa maneira, mesmo com a entonação de voz de Michelle Loreto, percebe-se a uniformidade da fala em um texto “duro” e que não transmite emoção. “Amanhã, a umidade do ar na região nordeste deve chegar a 20%. O ideal é 60%” (Michelle Loreto, Jornal Nacional 02/04/2015). Além do texto, a narração é baixa e calma, dando espaço para a trilha sonora.

No caso da previsão do tempo mais recente, a ideia de “conversa” no texto verbal já se mostra desde o início. Maria Júlia Coutinho inicia a informação sobre o tempo após uma pergunta do apresentador: “O que teremos no sábado, qual é o cardápio?” (Bonner, Jornal Nacional 17/07/2015). Ao longo do bloco, ainda, outras interlocuções reforçam a relação entre os turnos de fala de Maria Júlia Coutinho e William Bonner. No fim, ainda, os dois tem

um diálogo sobre as férias de Bonner, que é irrelevante em termos jornalísticos. Em termos de narração, o texto falado se mostra incisivo e a ausência de trilha sonora dá à voz de Maria Júlia Coutinho o papel de protagonista do bloco.

Temporalidade

Diferente da previsão do tempo feita em abril, o ato de enunciação de Maju e Bonner agora se dá de forma concomitante. A ideia de simultaneidade, mesmo que eles estejam em cidades distantes, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, é reforçada pelo enquadramento de câmera que dá ao telespectador a sensação de estar fazendo parte daquela conversa.

A simultaneidade se reforça na opção pelo bloco “ao vivo”, que cria um efeito de contato entre os sujeitos da enunciação que leva à produção de sentido de credibilidade do telejornal. Como expõe a autora Yvana Fachine (2006), a escolha pelo “tempo real” cria a ideia de presença do telejornal, que é fundamental para o telejornal se legitime perante a audiência como autêntico.

“Inserindo destinadores e destinatários numa temporalidade que é tanto do discurso (da TV) quanto do “mundo” (dos fatos), a transmissão faz da sua própria duração a instância de interação, na qual se instaura um tipo de “contato”, de “acesso direto”, entre os sujeitos (ou entre estes e a “realidade”).” (FECHINE, 2006, p. 4)

Com a abordagem “ao vivo”, a passagem de tempo se dá de forma igualitária entre o enunciador e o enunciatário, o que permite a emissão integral da mensagem - mesmo imprevistos e problemas técnicos. Diluem-se, assim, os espaços entre espectador e programa, reforçando a ideia de “aqui e agora”. Como expõe Fachine, o “ao vivo” cria “um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio ato de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal” (FECHINE, 2006).

A ideia da autora é confirmada com Machado (2005). Para ele, o ao vivo é uma transmissão direta, cuja mensagem é passada quase que instantaneamente para o telespectador através do recurso tecnológico dos satélites de televisão. Mesmo que haja certo “delay”, o tempo em que o ato enunciatório acontece na tv é o mesmo de quem o assiste. Isso

dá ao telespectador a sensação de que está acompanhando um evento, mesmo que muito distante, em tempo real. A aplicação desse recurso no bloco da previsão do tempo do Jornal Nacional pode ser uma tentativa de trazer ao telejornal a noção de verdade, já que “[...] a operação em tempo presente pode, esporadicamente, fazer acontecer alguns momentos de verdade com uma intensidade inatingível em qualquer outro meio de comunicação [...]” (MACHADO, 2005, p.138).

O sentido, então, que se dá na oposição do tempo simultâneo com o tempo gravado, o tempo antigo, é o efeito de verdade, já que o “ao vivo” serve para retratar de forma fidedigna a realidade e, por outro lado, o material gravado pressupõe que o conteúdo passa por edição, em que é possível se alterar o conteúdo da mensagem e torná-la falsa. É uma tentativa de “ser” ao invés de “parecer”.

Quadrado semiótico

Opondo-se plano de expressão (P.E.), “(...) plano onde as qualidades sensíveis que possui uma linguagem para se manifestar são selecionadas e articuladas entre elas por variações diferenciais” (FLOCH, p. 9) e plano de conteúdo (P.C.), “(...) onde a significação nasce das variações diferenciais”(FLOCH, p. 9), tem-se que:

P.E. AO VIVO X GRAVADO

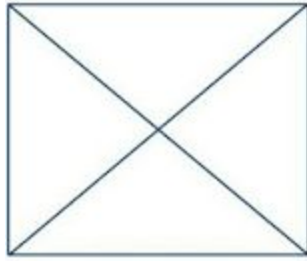
P.C. VERDADE X FALSO

Aplicando - se o conceito de quadrado semiótico desenvolvido por Floch, que aponta que

“O *quadrado semiótico* é uma representação visual das relações que entretêm os traços distintivos constitutivos de uma dada categoria semântica, de uma determinada estrutura.” (FLOCH, p.19)

tem-se:

Ao vivo
 verdade
 simultâneo



gravado
 falso

não ao vivo
 não verdade

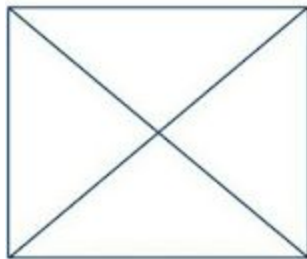
não gravado
 não falso

No plano da expressão, ainda, identifica-se que o texto verbal falado é um indicativo de “informalidade” e que recursos de personificação e adjetivação, marcas da informalidade, são utilizados em grande escala. O informal ainda se reforça no “ao vivo”, em que a improvisação é possível.

P.E. LINGUAGEM INFORMAL X LINGUAGEM FORMAL

P.C. VERDADE X FALSO

Ao vivo
 verdade
 informal



gravado
 falso
 formal

não ao vivo
 não verdade
 não informal

não gravado
 não falso
 não formal

O conteúdo da verdade, então, se conecta com a narratividade do informal. O enunciador tenta se aproximar do enunciatário através da sedução pelo objeto de valor “informal”. A manipulação se dá porque a informalidade se aproxima do cotidiano do brasileiro. O fato fica evidente na negação pela leitura de textos acadêmicos ou jurídicos, tidos como “muito formais”, ou pela própria dificuldade em entender política, pela alta formalidade dos trâmites que constituem os processos democráticos (BONNER, 2009).

Porém, ainda há um esforço do Jornal Nacional em manter a aparência de formalidade através das roupas que Maria Júlia Coutinho - e demais apresentadores e repórteres - usam no telejornal. Apesar de todas as diferenças apresentadas entre as edições da previsão do tempo de abril e julho, a roupa que as duas apresentadoras usam é praticamente a mesma. É uma tentativa, então, de se aproximar pelo “informal”, mas se legitimar pelo “formal” (figura 3).

Figura 3: comparação de frames de cena do quadro previsão do tempo do Jornal Nacional das edições de 2/4/2015 e 17/7/2015..



Fonte: impressões de tela obtidas pela autora a partir de edições do Jornal nacional disponíveis na página do Jornal Nacional no site da Rede Globo. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/04/02.html>> e
<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/07/17.html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Processo de personificação

Um ponto importante a ser estudado, ainda, é a forma de tratamento de Maria Júlia Coutinho. O apelido “Maju” é empregado no enunciado dos apresentadores do telejornal como vocativo - prática nova no Jornal Nacional. Além disso, é perceptível o gestual mais caloroso e receptivo de Coutinho.

A jornalista Maria Júlia Coutinho é negra e, para entender o processo de personificação, é preciso perceber como a mulher negra é representada na Rede Globo. O expoente dessa representação é a “Globeleza”, figura que começou a ser veiculada na emissora na década de 90. Trata-se de uma negra ou mulata que é apresentada durante as comemorações de Carnaval sambando com o corpo quase nu.

Levanta-se, dessa forma, a hipótese de que a personagem *Globeleza*, maior símbolo do Carnaval e principal representação negra na Rede Globo, tem a ver com o fato de Maju ter mais liberdade de trejeitos do que outras repórteres da previsão do tempo da emissora e do próprio JN.

A personificação da mulher negra apresentada pela Globo em telenovelas também é um ponto relevante. Raramente ela é apresentada como protagonista de uma trama e quando isso acontece, a personagem tem alta dose de sensualidade. Como é o caso do papel de Taís Araújo na telenovela *Da cor do pecado*, em 2004 (Santos e Silva).

Considerações finais

Os aspectos abordados neste artigo ainda dependem de uma pesquisa mais aprofundada. É preciso esclarecer se os traços de informalidade encontrados no novo JN são uma tentativa do telejornal de se aproximar do público através de recursos do entretenimento. Outro ponto a ser aprofundado é entender em que medida o uso da linguagem coloquial é forma de se aproximar da fala do telespectador. Além disso, será ainda melhor estudado o significado da

ampliação do tempo dedicado ao “ao vivo”, da mudança dos movimentos de câmera e da ampliação de movimentos dos apresentadores.

É necessário, também, um estudo mais aprofundado da relação entre a personificação de Maju com as outras personagens negras apresentadas pela Rede Globo. Uma análise mais aprofundada sobre essas relações de sentido podem apontar que essas representações permitem que Maju interprete um papel mais despojado na apresentação do bloco do tempo. A mulher negra seria ligada à ideia de gingado, carisma e “descompromisso” e, por isso, Maju teria “liberdade” para incorporar esses papéis e trazer a informalidade para o “ar”.

Tais verificações serão feitas na pesquisa do trabalho de conclusão de curso que está em andamento no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFPR e deve ser concluído no final de 2016.

Referências Bibliográficas

Fechine, Yavana. (2006) **Televisão e Presença**: Uma Abordagem Semiótica da Transmissão Direta.

SANTOS, Francijane Lima e SILVA, Marcia Ramos. (2008) **A representação da mulher negra nas telenovelas brasileira**: um espaço em construção. Graduanças em História/UEPB-Guarabira

BONNER, William (2009). **Jornal Nacional: modo de fazer**. Editora Globo.

IASBECK, Luiz Carlos (2005). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação: **Método Semiótico**. Editora Atlas.

MACHADO, Arlindo. (2005) **A televisão levada a sério**. 4ª ed. São Paulo: Senac.

PIETROFORTE, Antônio Vicente (2004). **Semiótica visual**: os percursos do olhar. Editora Contexto.

FLOCH, Jean-Marie. **Alguns conceitos fundamentais em Semiótica Geral**. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

Página do Jornal Nacional no site da Rede Globo. Edição 02/04/2015:
<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/04/02.html> . Acesso em 14 de abril de 2016.

Página do Jornal Nacional no site da Rede Globo. Edição 17/07/2015:
<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/07/17.html>. Acesso em 14 de abril de 2016.